

REESTRUTURAÇÕES LOCAIS COMO EFEITOS DA GLOBALIZAÇÃO ECONÔMICA: UMA ANÁLISE DA ESTRUTURA PRODUTIVA DO PÓLO TÊXTIL DE AMERICANA, S.P.

Auro Aparecido MENDES¹

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo o estudo das relações de produção no Pólo Têxtil de Americana, SP., localizado na Região Administrativa de Campinas e distante aproximadamente 150 Km da metrópole paulistana. O pólo industrial, objeto de análise nesta investigação é formado pelos seguintes municípios: Americana, Santa Bárbara D'Oeste e Nova Odessa. Com a pesquisa realizada, espera-se contribuir significativamente para achar o fio da meada e tecer uma nova fase da industrialização do Pólo Têxtil de Americana, com novas estampas e com cores mais vivas.

Unitermos: Indústria Têxtil, Estrutura Produtiva, Relações Interindustriais, Globalização da Economia.

Abstract

Local re-structure seen as effect of economic globalization: An analysis of the productive structure of the textile pole of Americana, S.P.

This project intends to study interconnection in the production of the Textile Base of Americana, SP, settled in the Administrative Region of Campinas, at approximately 150 Km from São Paulo City. The industrial base analyzed here comprises the cities of Americana, Santa Bárbara D'Oeste and Nova Odessa. The purpose of this research is to contribute significantly in understanding the issue and building up a new era for industries in the Textile Base of Americana, using new patterns and brighter colors.

Key Words: Textile Industry, Productive Structure, Linkages, Economy Globalization.

¹ Professor Assistente Doutor do Departamento de Geografia - IGCE - UNESP - 13500-230 - Rio Claro - SP. auromendes@uol.com.br

O FIO CONDUTOR

A presente pesquisa tem por objetivo o estudo das relações de produção no Pólo Têxtil de Americana, SP., localizado na Região Administrativa de Campinas e distante aproximadamente 150 Km da metrópole paulistana. O pólo industrial, objeto de análise nesta investigação, é formado pelos seguintes municípios: Americana, Santa Bárbara D'Oeste e Nova Odessa. Os critérios utilizados para a delimitação do pólo não foram baseados, apenas, na proximidade física e geográfica dos municípios envolvidos, mas, principalmente, nas intensas inter-relações produtivas ali encontradas.

O interesse pelo tradicional pólo monoindustrial - em Americana, 70% da atividade fabril concentra-se no gênero têxtil, em Nova Odessa, 53% e em Santa Bárbara D'Oeste, 40%; considerando-se os 3 municípios, a indústria têxtil representa 62% do conjunto industrial do pólo - foi despertado a partir de algumas evidências.

A primeira evidência, que acabou constituindo o "fio condutor" para outras investigações, refere-se ao fato do Município de Americana ser considerado e, posteriormente, o Pólo Têxtil, com um lugar ou uma localidade singular, específico, especial e proeminente no contexto industrial brasileiro e, especificamente, no estado de São Paulo. Deve-se ressaltar, que o referido Pólo é responsável por quase 90% da produção nacional de tecidos planos de fibras artificiais e sintéticas.

O Pólo Têxtil de Americana encontra-se localizado no Entorno metropolitano, ou "campo aglomerativo", ou ainda, na "macrometrópole" (formada pelos municípios situados num raio de aproximadamente 150 Km, a partir da Região Metropolitana de São Paulo) que tem apresentado a maior concentração industrial no interior do estado de São Paulo (AZZONI, 1985; LENCIONI, 1991). Longe de significar um esvaziamento econômico potencial das indústrias no estado de São Paulo, esse fenômeno consiste num "espraiamento" das unidades produtivas por uma área geográfica mais extensa do que a tradicionalmente ocupada, uma vez que o poder de mando, o controle e os serviços essenciais continuam concentrados na grande metrópole. Trata-se, portanto, de uma "desconcentração concentrada" (AZZONI, 1985).

A realização de importantes trabalhos sobre a industrialização no interior do estado de São Paulo (SAMPAIO, 1987; FIRKOWSKI, 1989; MENDES, 1991), tem demonstrado que, atualmente, muitas empresas de capitais nacionais e estrangeiros instalam suas fábricas diretamente no interior (principalmente às margens das Rodovias Anhangüera e Washington Luíz), sem estabelecer nenhum vínculo com a metrópole paulistana, num processo de interiorização da indústria nesse estado.

Entre 1940 e 1950, Americana foi um dos municípios da Região Administrativa de Campinas que apresentou maior crescimento relativo em número de estabelecimentos industriais, sendo superado apenas por Piracicaba e Limeira. O crescimento mais expressivo ocorreu na década 60- 70, quando Americana passa a ocupar o primeiro lugar, em termos da mesma variável, entre os municípios mais industrializados da região citada e mesmo do estado de São Paulo.

Considerando o crescimento relativo do pessoal ocupado nas atividades industriais, Americana, na década de 1960-1970, só perde para o Município de Sumaré.

Na década de 70-80, o município em estudo destaca-se pelo crescimento relativo ocorrido no valor da produção, ficando em segundo lugar, após Sumaré.

Analisando-se a estrutura industrial de Americana por ramos, chama a atenção a importância do gênero têxtil, tanto em termos do número de estabelecimentos quanto do número de pessoal ocupado. No ano de 1980, a indústria têxtil era responsável por 71% dos estabelecimentos industriais existentes e 66% do total de pessoal ocupado, de acordo com os dados do Censo Industrial (IBGE), 1980. Contudo, nota-

se um declínio no número de estabelecimentos no período 1975 -1980, embora o número de pessoal ocupado tenha se expandido.

Nos demais municípios que compõem o Pólo Têxtil (Santa Bárbara D'Oeste e Nova Odessa), a indústria têxtil tem ocupado a posição de liderança, na década 1970-1980, na estrutura industrial dessas cidades, em termos de número de estabelecimentos e mão-de-obra ocupada. A indústria têxtil é predominante na estrutura industrial dos municípios que compõem o Pólo; em Americana, esse gênero representava em 1980, segundo os dados do IBGE, 71% dos estabelecimentos industriais existentes (corroborando a sua posição de centro monoindustrial), em Nova Odessa 53% e, em Santa Bárbara D'Oeste, 40%.

Comparando os municípios que fazem parte do Pólo com outros centros têxteis tradicionais (São Paulo e Sorocaba, por exemplo), observa-se que Americana ocupa o segundo lugar nos quesitos "número de estabelecimentos" e "pessoal ocupado", perdendo somente para São Paulo. Embora, na década de 70-80, Americana tenha apresentado uma diminuição no número de estabelecimentos, o mesmo não aconteceu com a mão-de-obra ocupada. Tal constatação, indica a concentração técnica desse centro monoindustrial têxtil, ou seja, a importância de grandes unidades produtivas na geração de empregos.

Os municípios de Santa Bárbara D'Oeste e Sorocaba ocupam, respectivamente, o terceiro e o quarto lugares entre os principais centros têxteis em questão, quanto ao número de estabelecimentos. Cabe salientar que, enquanto todos os municípios, na década de 70-80, apresentaram um crescimento relativo negativo, ou um decréscimo, quanto ao número de pessoal ocupado, Nova Odessa teve desempenho positivo.

Os dados revelam, assim, a relevância desse pólo especializado no ramo têxtil no interior do estado de São Paulo, que tem resistido à diversificação industrial. A indústria têxtil no interior vem tendo importância crescente em relação à capital. Em relação ao interior, é a Região Administrativa de Campinas que se destaca como a principal área têxtil.

De acordo com Troppmair (1966, p. 59):

o desenvolvimento de Americana como centro têxtil deve-se em parte à sua posição privilegiada na média Depressão Periférica Paulista, servida por excelentes vias de circulação terrestre.

Americana caracteriza-se pelo seu dinamismo industrial, baseado quase que exclusivamente na fabricação de tecidos, e representa um exemplo típico de centro monoindustrial.

Explicando os principais fatores responsáveis pela expansão industrial no município, o autor destacou que grande parte das indústrias tiveram como fundadores imigrantes italianos e americanos, que vieram no começo do século e se fixaram na cidade, implantando pequenas tecelagens.

Outros fatores relevantes salientados por Troppmair (1966) são: a matéria-prima (inicialmente os fios de algodão e, depois, os fios sintéticos), a abundância de energia elétrica e a mão-de-obra disponível, principalmente.

Rodrigues (1978, p. 4), com base nos dados obtidos em 1967, identificou o Município de Americana como [o mais importante centro têxtil do interior paulista, não só em relação ao número de estabelecimentos mas, também, em valor de produção e pessoal ocupado, por se tratar de um centro onde a automatização na produção ainda está em fase inicial].

Analisando os fatores responsáveis pelo desenvolvimento e multiplicação do façonismo - refere-se ao proprietário de uma indústria têxtil que, não dispondo de suficiente capital de giro, presta serviço de mão-de-obra mecanizada a terceiros -, elenca os seguintes: relativa facilidade de obtenção de máquinas, oferecidas pelas indústrias pioneiras de fabricação de teares; a legislação vigente na época, que incentivava o surgimento destas indústrias; a mão-de-obra abundante, os meios de transportes, entre outros.

Como se observa, os autores procuraram explicar a origem e o desenvolvimento do centro têxtil de Americana recorrendo aos fatores de localização hoje considerados "clássicos", representativos de uma dualidade empírica/ teórica praticamente ultrapassada e, por conseguinte, insuficientes para a compreensão da realidade dinâmica, complexa e em contínua mutação. Se Americana conseguiu impor-se como o maior centro têxtil do interior paulista, baseado principalmente em fatores e forças endógenas (locais), hoje a realidade é outra: evidências empíricas recentes apontam para a relativa estagnação econômica deste centro e, conseqüentemente, de todo o pólo que ele controla ou estrutura; centenas de fábricas foram fechadas nos anos 90, fazendo cair a produção e, principalmente, a oferta de empregos, gerando grave crise econômica e social no município. Tudo isto, aparentemente, por influência de forças exógenas ao pólo, quais sejam a abertura do país ao comércio internacional, a política econômica adotada pelo Estado brasileiro, a economia cada vez mais competitiva e globalizada, que consegue produzir e comercializar produtos com qualidade a preços cada vez mais baixos.

Assim sendo, da análise das relações de produção na indústria têxtil do tradicional Pólo de Americana - objetivo inicial da realização do presente trabalho - passou-se à descoberta da crise - ocasionada por agentes e influências externas ao pólo -, que tem abalado, profundamente, a estrutura produtiva do maior "Pólo Têxtil de Tecidos Planos de Fibras Artificiais e Sintéticas da América Latina".

As investigações preliminares já deixavam transparecer que a evolução recente e a situação atual da citada indústria não são fenômenos simples, lineares, de fácil reconstituição; pelo contrário; metaforicamente, poderia se afirmar que eles se revelam entrelaçados, enredados em um tecido complexo, com muitos "nós", cujos os fios prendem-se a um emaranhado de relações internas e externas ao pólo.

O trabalho integrou, no plano empírico, uma intensa pesquisa de campo nos municípios que compõem o pólo e, no plano teórico, o entendimento dos amplos e complexos processos industriais ocorridos a nível mundial (internacionalização do sistema de produção capitalista), a nível nacional (reestruturação produtiva da indústria brasileira), e a nível local (formação e estruturação do Pólo Têxtil de Americana).

MATERIAL E MÉTODO

Os procedimentos desenvolvidos e as técnicas utilizadas na elaboração da pesquisa e na coleta dos dados merecem ser explicitados.

O levantamento documental constituiu o primeiro estágio da pesquisa. Os dados referentes ao número de indústrias têxteis no Pólo Têxtil de Americana - composto pelos municípios de Americana, Santa Bárbara D'Oeste e Nova Odessa -, inexistentes ou defasados nas Prefeituras Municipais, foram obtidos junto ao SENAI de Americana para o ano de 1992.

Deve-se esclarecer que, às indústrias selecionadas pela amostragem estratificada (35 estabelecimentos) foram acrescentadas 5 unidades produtivas (de pequeno e médio portes), importantes segundo a pesquisa direta, porém não cadastradas junto ao SENAI, totalizando 40 estabelecimentos.

A pesquisa de campo consistiu na visita do pesquisador e na aplicação de questionários/formulários junto aos estabelecimentos selecionados, distribuídos espacialmente pelos Municípios de Americana, Santa Bárbara D'Oeste e Nova Odessa.

O CAPITAL NÃO DÁ PONTO SEM NÓ

A Estrutura Financeira

Até a década de 40, o Pólo Têxtil de Americana era formado por indústrias antigas e tradicionais de capitais locais, entre elas destacam-se: a Biasi, em Americana; a Wiesel e a Igarape, em Santa Bárbara D'Oeste, e a Feltrin e a Fitas Progresso, em Nova Odessa.

Nas décadas de 40 e 60, ocorre uma ativação na industrialização dos municípios que compõem o Pólo, com a vinda de indústrias de capitais externos (nacionais e estrangeiros). As causas desse fenômeno são, ao que tudo indica, de duas naturezas: internas ou locais (as economias de aglomeração existentes no Pólo), e externas, tanto nacionais (o papel do Brasil na divisão internacional do trabalho e as políticas implementadas pelo Estado brasileiro, principalmente durante o "milagre econômico") quanto internacionais (a Segunda Guerra Mundial e a transnacionalização da economia). Foi nesse período que ocorreu a implantação, em Americana, dos grandes estabelecimentos de capitais exógenos nacionais (Gifran e Elizabete) e estrangeiros (Unitika, Toyobo e Polyenka). Verifica-se que é a partir desse momento, que ao local vai se integrar elementos externos, ou seja, capitais nacionais e estrangeiros.

O Pólo Têxtil de Americana nessa fase do Capitalismo Mundial - auge do Fordismo e da disjunção espacial das fábricas pelo mundo capitalista -, funciona como um lugar dotado de vantagens comparativas importantes para os grandes investimentos.

A instalação, em Americana, de três estabelecimentos de capitais estrangeiros, na década de 60 e 70, formando verdadeiros trustes na produção de fios: a Unitika (de capitais japoneses), na produção de fios de algodão; a Toyobo (de capitais japoneses), na produção de fios de algodão e poliéster, e a Polyenka (de capitais holandeses e nacionais), na produção de fios de poliéster, exemplificam bem essa fase do capitalismo. Tais empresas atraídas pelas economias de aglomeração existentes no Pólo (infra-estrutura, grande concentração de indústrias têxteis, mão-de-obra abundante e barata, etc.), integraram-se verticalmente nesse lugar, fornecendo as matérias-primas necessárias (os fios) para o funcionamento do Pólo.

Se na fase do capitalismo mundial, o Pólo Têxtil de Americana recebeu as indústrias provenientes de outros países que estavam em busca de vantagens comparativas tradicionais, atualmente, na fase do capitalismo global, ao invés das fábricas, ocorre a invasão de produtos (fios e tecidos) mais baratos e de alta qualidade.

A pesquisa de campo permitiu classificar os estabelecimentos, quanto ao controle do capital, nos seguintes grupos:

- estabelecimentos gerados e controlados por capitais locais,
- estabelecimentos controlados por capitais externos nacionais;

- estabelecimentos controlados por capitais estrangeiros;
- estabelecimentos controlados por capitais mistos (nacionais e estrangeiros).

Constatou-se que 78,5% (22 estabelecimentos) se enquadram no primeiro grupo e são responsáveis por 52,1% do pessoal ocupado no Pólo; 10,7% (3 estabelecimentos) formam o segundo grupo, empregando 18,3% do total; 7,1% (2 estabelecimentos) compõem o terceiro grupo, empregando 16,9% do pessoal ocupado, e 3,5% (1 estabelecimento) representa o quarto grupo, empregando 12,7% dos ocupados na indústria. Observa-se, assim, a importância dos capitais externos (nacionais e estrangeiros) na estrutura dimensional das empresas instaladas no Pólo Têxtil de Americana, onde apenas seis estabelecimentos (3 de capitais nacionais e 2 de capitais estrangeiros e 1 de capitais mistos) são responsáveis por 48% do total de mão-de-obra ocupada.

A Integração Territorial

O efeito espacial mais direto da indústria têxtil no Pólo, é a existência de estabelecimentos de grande porte ocupando grandes áreas, geralmente bem localizadas, como é o caso da Unitika e da Polyenka, por exemplo, localizadas às margens da Rodovia Anhangüera. Por outro lado, os pequenos e médios estabelecimentos, encontram-se dispersos por todo o Pólo, muitas vezes em "total invisibilidade espacial", ocupando fundos de quintais, garagens e cômodos das residências de seus proprietários.

No que diz respeito aos municípios que formam o Pólo Têxtil de Americana (Americana, Santa Bárbara D'Oeste e Nova Odessa), merece ressaltar que Americana exerce o controle ou o comando financeiro e administrativo sobre muitas indústrias localizadas nos demais municípios que constituem o Pólo. Pode-se comprovar este fato, através da indústria Bodini, que têm fábrica instalada em Nova Odessa e sede em Americana .

Das 22 indústrias de capitais locais (78,5% do total de estabelecimentos pesquisados), 50% possuem filiais, localizadas, principalmente, no próprio Pólo (esse é o caso da Fama, Diantex, Paulibel, Basseto, Igarape, Wiesel, entre outras), e em São Paulo.

O trabalho de campo registrou a existência de uma dinâmica locacional entre os municípios que formam o Pólo. Três indústrias (Fitas Progresso, Ober e Feltrin) foram transferidas de Americana para Nova Odessa, pelos seguintes motivos: falta de espaço para ampliação, facilidade de aquisição de terrenos e isenções de impostos em Nova Odessa.

A existência de Distrito Industrial em Santa Bárbara D'Oeste e de espaços disponíveis para expansão e aberturas de novas indústrias tem, atualmente, funcionado como fatores de atração para as empresas interessadas em migrarem de Americana.

A proximidade geográfica dos municípios que constituem o Pólo, possibilita, assim, uma intensa solidariedade administrativa (gerencial) e produtiva.

A entrada de capitais nacionais no Pólo foi confirmada através de 3 unidades produtivas (Elizabete e Gifran, em Americana, e Campo Belo, em Santa Bárbara D'Oeste), representando 11% das indústrias pesquisadas, com suas sedes em São Paulo. Em São Paulo encontra-se, também, a sede da indústria Fiobra (de capitais americanenses), demonstrando o poder de comando da metrópole paulistana.

As filiais das empresas de capitais nacionais estão instaladas em vários municípios: São Paulo, Itatiba, Jundiaí, Americana e Rio de Janeiro. Verifica-se que as

filiais não se encontram distantes de suas sedes, revelando o “poder catalisador” da metrópole sobre o seu entorno ou “campo aglomerativo”. Pode-se dizer que existe uma “desconcentração concentrada” das indústrias, uma vez que a fábrica se implanta em outros lugares, permanecendo a sede centralizada. A unidade produtiva pode, dessa forma, se deslocar e continuar contando com o “ambiente industrial” ou com as vantagens locacionais.

As empresas de capitais estrangeiros ou mistos têm suas sedes no exterior, esse é o caso da Unitika e da Toyobo, com sedes no Japão, e da Polyenka, com sede na Holanda. Apenas a Toyobo possui outras filiais no Brasil, localizadas em Salto e em São Paulo.

Outro dado importante que merece ser registrado, refere-se à indústria Polyenka (de capitais mistos), que veio transferida de São Bernardo do Campo, concentrando em Americana, em 1973, todas as suas atividades produtivas. Isso serve para enfatizar a relevância do Pólo Têxtil de Americana, no contexto industrial brasileiro e internacional.

Os Fatores Locacionais

Segundo a pesquisa direta realizada junto aos empresários e dirigentes industriais, os principais fatores de localização de suas fábricas foram os seguintes: a existência de um pólo têxtil, ser o local de origem do empresário, a mão-de-obra especializada e a boa situação geográfica. Tais fatores revelam a importância das economias de aglomeração e da solidariedade técnica vigentes nesta localidade, enfim, do “ambiente industrial” presente no Pólo. Na verdade, todos os fatores mencionados são, ao mesmo tempo, causa e conseqüência da grande concentração de indústrias têxteis nesse lugar.

Observa-se que os fatores citados foram fundamentais para a atração e concentração desse gênero fabril e, conseqüentemente, para o surgimento desse pólo monoindustrial. Tais fatores clássicos de localização funcionaram, até recentemente, como vantagens aglomerativas. Todavia, atualmente, tais vantagens estão sendo descompensadas pelas deseconomias de aglomeração, entre elas merecem destaque: o parque industrial arcaico, a mão-de-obra desqualificada para os modernos processos produtivos, e a concorrência internacional.

Em suma: um conjunto complexo de fatores ditos tradicionais (mão-de-obra, mercado, matérias-primas, etc.), contribuiu, histórica e geograficamente, para a formação e consolidação do Pólo Têxtil de Americana.

A soma desses fatores, mais a ação de agentes externos ao Pólo (dinâmica locacional das indústrias no estado de São Paulo, as políticas econômicas implementadas pelo Estado brasileiro e a transnacionalização da economia), permitiram que o mesmo assumisse um papel de precípua importância no quadro industrial do país, despontando como o maior “Pólo Têxtil de Tecidos Planos de Fibras Artificiais da América Latina”, atraindo investimentos nacionais e estrangeiros.

Como ficou evidenciado, o grande capital encontrou nesse lugar, na fase do capitalismo mundial, as bases fundamentais para a sua implantação. As empresas de capitais nacionais e estrangeiros se apropriaram das vantagens comparativas tradicionais já existentes, construídas e estruturadas desde a formação do Pólo. Neste sentido, o Pólo funcionou como um meio, como um recurso para as grandes empresas atingirem seus objetivos (maximização dos lucros, minimização dos custos, aumento da produtividade, etc.). Para essas empresas o Pólo Têxtil de Americana é um não-lugar, uma vez que elas não criam raízes, nem identidade com esse espaço (AUGÉ, 1994).

Enfim, o capital não dá ponto sem nó.

DESFIANDO A ESTRUTURA PRODUTIVA

A Integração Produtiva

Os principais produtos fabricados no Pólo Têxtil são: fios (naturais e sintéticos) e tecidos (de algodão e sintéticos). Os fios e os tecidos podem, posteriormente, pas-sarem por outros segmentos produtivos da indústria têxtil, quais sejam:

- os fios podem ir para a tinturaria e para a engomagem, e
- os tecidos para a tinturaria, estamparia e engomagem.

A maioria dos estabelecimentos, possuem apenas a tecelagem. Essas indústri-as estão concentradas, espacialmente, no município de Americana. São poucas as empresas (14,2% do total), que realizam em suas fábricas as funções de tecelagem e tinturaria. O mesmo acontece com aquelas unidades que fabricam o tecido ou as etapas finais do seu acabamento (tinturaria, estamparia e engomagem).

Nenhuma indústria pesquisada possui todas as funções produtivas, integradas, ou seja, da fiação ao acabamento final do tecido. Isso demonstra que não há indús-trias totalmente verticalizadas (completas). O que ocorre são especializações dentro da cadeia produtiva da indústria têxtil.

Outra forma de especialização, pode ser encontrada, também, entre os muni-cípios que formam o Pólo Têxtil; em Americana estão principalmente as indústrias de fiação e as tecelagens e, em Santa Bárbara D'Oeste e Nova Odessa, tecelagens e unidades produtivas que realizam as fases de acabamento dos fios e dos tecidos.

Formas de Organização e de Relações de Produção

Analisando-se tais formas, 3 grupos puderam ser definidos:

- 1. Formados por indústrias que só têm produção própria:** 13 indústrias (46,4% do total de unidades produtivas pesquisadas);
 - Americana** (6 estabelecimentos): Alpacatex, Primor, Biasi, Unitika, Polyenka e Gifran.
 - Santa Bárbara D'Oeste** (4 estabelecimentos): Carvalho, Jomara, Campo Belo e Canatiba.
 - Nova Odessa** (3 estabelecimentos): Feltrin, Fitas Progresso e Ober.
- 2. Formado por indústrias que só trabalham por Subcontratação:** 2 indústrias (7,2% do total de unidades produtivas pesquisadas);
 - Americana** (1 estabelecimento): Paulibel
 - Santa Bárbara D'Oeste** (1 estabelecimento): Engomatêxtil
- 3. Formado por indústrias que têm produção própria e que também têm relações de subcontratação:** 13 indústrias (46,4% do total de uni-dades produtivas pesquisadas);
 - 3.1. têm produção própria e subcontratam outras:** 9 indústrias (32,1% do total de unidades produtivas pesquisadas);
 - Americana** (6 estabelecimentos): Toyobo, Diantex, Gonçalves Dias, Basseto, Fibra e Elizabete.
 - Santa Bárbara D'Oeste** (2 estabelecimentos): Igarape e Magdatex
 - Nova Odessa** (1 estabelecimento): Bodini
 - 3.2. têm produção própria e são subcontratados:** 2 indústrias (7,2% das unidades produtivas pesquisadas);
 - Americana** (2 estabelecimentos): Bazanelli e Decoratriz

3.3. têm produção própria, subcontratam e são subcontratados: 2 indústrias (7,2% das unidades produtivas pesquisadas),

Americana (1 estabelecimento): Fama

Santa Bárbara D'Oeste (1 estabelecimento): Wiesel

O primeiro grupo de indústrias que só têm produção própria, é formado, principalmente, por grandes empresas de capitais locais (Alpacatex, Primor, Carvalho, Jomara, Feltrin, Fitas Progresso, Canatiba, Biasi e Ober), nacionais (Gifran e Campo Belo), estrangeiros (Unitika) e mistos (Polyenka). Esses estabelecimentos não subcontratam nem tampouco são subcontratados por outros, sendo auto-suficientes.

O segundo grupo é formado por indústrias que só trabalham por subcontratação. As duas fábricas pertencentes a esse grupo são especializadas nas funções produtivas de acabamento dos fios e tecidos; esse é o caso da Paulibel (tinturaria e estamparia), em Americana, e da Engomatêxtil (estamparia e engomagem), em Santa Bárbara D'Oeste. As indústrias mencionadas são subcontratadas por empresas instaladas em Americana, Itatiba, Cotia e São Paulo.

Considerando os elevados investimentos em cada etapa da cadeia produtiva da indústria têxtil e a impossibilidade de acompanhar os avanços que ocorrem em cada uma delas, verifica-se a desintegração vertical da produção. Dessa forma, as indústrias procuram se especializar no objeto principal de suas atividades, ou seja, naquilo que elas sabem fazer melhor.

O terceiro grupo é composto por 13 fábricas (46% do total de indústrias pesquisadas), que têm produção própria, participam de relações de subcontratação, sob a forma de contratantes, de contratadas ou de ambas, concomitantemente. Nessa trama de relações interindustriais, participam indústrias de diferentes portes, de capitais locais, nacionais e estrangeiros, dos 3 municípios que compõem o Pólo. A importância dessas relações fica realçada quando se agrupa as indústrias desse grupo com aquelas que só trabalham por subcontratação, ou seja, 54% dos estabelecimentos pesquisados mantêm relações de subcontratação.

As indústrias que formam esse grupo exemplificam a desintegração horizontal da produção. São indústrias que podem ter produção própria, mas que trabalham, também, sob a forma de subcontratação, produzindo de acordo com as especificações da empresa contratante, que pode produzir parte da produção requerida.

Aproximadamente 39,2% das indústrias pesquisadas, subcontratam outras localizadas, predominantemente, em Americana e em Santa Bárbara D'Oeste. Entre elas, estão empresas de capitais locais (Fama, Basseto, Igarape, Bodini, por exemplo), de capitais nacionais (Elizabete), e de capitais estrangeiros (Toyobo). Constatase, a partir desses dados, que os serviços requeridos pelas indústrias têxteis estão sendo encontrados no Pólo (Mapa 1).

Merece destacar, também, aquelas indústrias que são subcontratadas por outras, esse é o caso da Fama, Paulibel, Decoratriz, Bazanelli, Wiesel e Engomatêxtil. As empresas contratantes, localizam-se em Americana e São Paulo, principalmente. Mais uma vez fica demonstrado que, embora as relações interindustriais (**linkages**), especialmente de subcontratação, sejam mais intensas entre os municípios que formam o Pólo, na realidade elas vão mais além, vinculando-o à metrópole paulistana. Os dados indicam que a produção têxtil, total ou parcial, de muitas empresas instaladas em São Paulo é realizada no Pólo, que se encontra dentro do entorno metropolitano (Mapa 2).

Mapa 1 - Localização das Indústrias Subcontratadas pelas Empresas do Pólo Têxtil de Americana – S.P.



Tratando-se de um Pólo monoindustrial, as empresas podem encontrar no local as economias de escala e de variedades externas através de vinculações técnicas (**linkages** e subcontratações). A estrutura industrial do lugar possibilita a integração de todos os segmentos da cadeia produtiva da indústria têxtil e a desintegração vertical e horizontal da produção, entre os estabelecimentos e no interior dos municípios que formam o Pólo Têxtil de Americana.

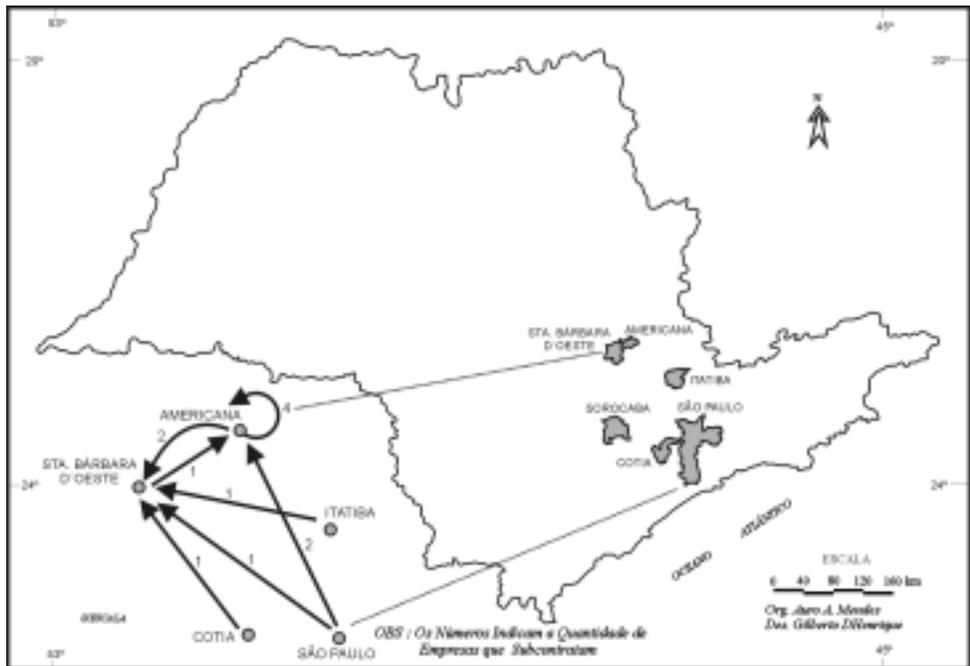
Assim sendo, os problemas e as influências externas, como a concorrência internacional, por exemplo, que afetam diretamente as contratantes, irão se refletir e se propagar, como ondas, por todas as unidades interligadas e vinculadas. Essa situação de extrema solidariedade técnica entre as unidades produtivas, deixa o Pólo suscetível e vulnerável às constantes e rápidas mudanças em curso na economia nacional e global.

Por último, existem duas indústrias pesquisadas (A Fama, em Americana, e a Wiesel, em Santa Bárbara D'Oeste), que possuem produção própria são subcontratadas por outras empresas de Americana, e ainda subcontratam outras fábricas, em Sorocaba e Santa Bárbara D'Oeste (Mapa 1).

Detectadas as várias formas de organização da produção e das relações transacionais (**linkages**), que ocorrem no Pólo Têxtil, serão analisados, detidamente, os casos de subcontratação.

A subcontratação ocorre, quando as deseconomias de variedades internas favorecem a atomização dos processos de produção, levando ao aparecimento de unidades de produção, geralmente menores, funcionalmente mais especializadas.

MAPA 2 - Localização das Empresas que Subcontratam as Indústrias do Pólo Têxtil de Americana – S.P.



Entre as principais formas de flexibilidade da produção, destaca-se a desconcentração das empresas por redes. No caso do Pólo Têxtil de Americana, segundo a pesquisa realizada, ficou evidenciado que empresas localizadas em São Paulo, Cotia e Itatiba, subcontratam as fábricas implantadas no Pólo (Mapa 2). Contudo, essa relação produtiva é, também, muito forte entre as indústrias instaladas nos municípios que formam o Pólo - esse é o caso da Fama, da Paulibel, da Decoratriz, da Wiesel, entre outras.

No que tange às indústrias subcontratadas (Mapa 2), observa-se que estas se localizam, eminentemente, no próprio Pólo Têxtil.

Assim sendo, pode-se afirmar que a distribuição espacial das relações de produção ou da rede (**network**) é extremamente aglomerada (Mapa 1 e Mapa 2).

Analisando-se o sistema produtivo do Pólo Têxtil de Americana, verifica-se a existência de um "núcleo" (core) constituído, principalmente, por empresas de capitais nacionais e estrangeiros, que exercem o controle ou domínio ("governança") na produção de fios e tecidos. Há, portanto, uma estrutura hierarquizada formada pela combinação "núcleo" (grandes empresas de capitais locais, nacionais e estrangeiros) e, "anel" (empresas de pequeno e médio portes de capitais locais), com coordenação assimétrica, ou seja, poucas, porém, grandes empresas, exercendo o comando do Pólo.

Do ponto de vista regional, as interligações entre os municípios do Pólo são abundantes, hierarquizadas (as indústrias instaladas em Americana detém o controle ou domínio nas relações de subcontratação) e com poucas ligações de subcontratação

externas ao Pólo. Deve-se salientar que as interligações produtivas locais tornam-se mais fortemente entrelaçadas, quando se considera que o município de Americana é o principal fornecedor de matérias-primas (naturais e sintéticas) - sobretudo, de fios -, para as indústrias implantadas no Pólo. A cidade de São Paulo aparece, como sendo a segunda principal cidade fornecedora de matérias-primas para as indústrias têxteis instaladas no Pólo.

As grandes empresas de capitais nacionais e estrangeiros compram suas matérias-primas diretamente no exterior (Estados Unidos, Paraguai, Paquistão, México, China, entre outros), a preços inferiores em relação aos nacionais. Esse é o caso, por exemplo, da Fama, Canatiba, Toyobo e Unitika.

A pesquisa direta demonstrou que a subcontratação pode ser conjuntural, implicando em desintegração horizontal da produção - esse é o caso da Fama, Toyobo e Elizabete -, ou complementar, quando a subcontratada é especializada em processos produtivos diferentes daqueles realizados pela contratante; os casos mais emblemáticos desse tipo de subcontratação são a Paulibel (tinturaria e estampanaria) em Americana, e a Engomatêxtil (estampanaria e engomagem) em Santa Bárbara D'Oeste.

Ficou constatado, através da pesquisa direta, que a subcontratação é uma forma permanente de relação interindustrial, na qual a empresa subcontratada - na maior parte dos estabelecimentos pesquisados que trabalham sob a forma de subcontratação -, supre as suas próprias matérias-primas. Somente uma indústria recebe de sua contratante todo o material a ser utilizado.

TECENDO O FUTURO

O conflito local/global é materializado nesse "lugar", nesse espaço específico, de forma perversa, negativa, com a perda de empregos, com o fechamento de fábricas, com a instauração de um cotidiano de incertezas, de insegurança econômica na maioria dos estratos sociais. Neste sentido, o Pólo Têxtil de Americana é um exemplo empírico que permite tornar a teoria mais palpável e menos abstrata ou desvinculada da realidade.

Eis, então, o "lugar" sendo integrado por forças poderosas à economia globalizada, ao mesmo tempo em que procura resistir, resguardar as feições econômicas e sociais e preservar sua individualidade e identidade, moldadas em épocas passadas. O que resultará deste embate ?

Obviamente, com rápidas, bruscas e profundas transformações acontecendo, torna-se difícil, senão impossível, fazer algum tipo de previsão. Em face da situação atual do Pólo, tudo parece incerto e novos caminhos precisam ser descobertos para revitalizar a antiga indústria têxtil.

Entretanto, com base nos resultados obtidos, compilados e interpretados nesse trabalho, nada impede de tecermos cenários, de desenrolarmos novos horizontes, de estamparmos tendências e de tingirmos o futuro.

Várias questões pertinentes emergem quando se pensa no futuro industrial do Pólo, entre elas as seguintes:

- A indústria têxtil continuará sendo a principal atividade industrial do Pólo?

A pesquisa revelou que a velha estrutura produtiva do Pólo encontra-se ultrapassada, não conseguindo competir mais no mercado nacional e internacional, com os tecidos importados, muitas vezes, de melhor qualidade e com preços imbatíveis.

A busca de rapidez e eficiência na produção de fios e tecidos com qualidade e competitividade, constitui uma questão de sobrevivência para todos os empresários do Pólo. Assim sendo, a indústria têxtil, com suas heterogeneidades econômicas e tecnológicas, forma um oligopólio competitivo. Se por um lado, apenas os grandes estabelecimentos conseguem se modernizar, por outro lado, isto não é suficiente para barrar a competitividade com outras empresas de grande porte, de capitais nacionais e estrangeiros.

No que tange às indústrias de pequeno e médio portes, principalmente as de capitais locais, que trabalham a feição, se continuarem alijadas do processo de modernização, continuarão realizando aquelas tarefas simples e complementares, não interessantes às grandes empresas, ou encerrarão as suas atividades. O feionismo, forma de subcontratação tão importante no Pólo até recentemente, deverá encontrar, portanto, no futuro, novas funções no processo de desintegração da produção.

Diante dos problemas atualmente enfrentados (concorrência externa, falta de competitividade, etc.), os antigos estabelecimentos industriais, principalmente aqueles de pequeno e médio portes que trabalham a feição, necessitam, urgentemente, reestruturarem-se, para continuarem sobrevivendo.

Considerando-se que a reestruturação produtiva na indústria feionista é muito lenta, tudo indica que o feionismo continuará existindo, produzindo aquilo que não é interessante para a grande empresa, ou trabalhando de maneira complementar.

- Os empresários conseguirão modernizar as suas fábricas e serem competitivos?

Não se pode empanar o estágio em que se encontra o Pólo de Têxtil de Americana que, através da pesquisa desenvolvida, mostrou sua fragilidade, resistindo, "por um fio", aos impactos da globalização da economia.

As dificuldades estão presentes, praticamente, em todas as fases do processo produtivo da indústria têxtil (das matérias-primas ao acabamento dos fios e tecidos). Acrescenta-se, ainda, que os métodos de gestão empresarial encontrados nas empresas mais antigas e tradicionais estão completamente superados, dificultando a adoção de inovações.

A pesquisa demonstrou que a mão-de-obra do Pólo apresenta baixo nível de qualificação para os modernos sistemas produtivos, exigindo investimentos em instituições de ensino e pesquisa, e a formação de pessoal que atenda às novas exigências do setor têxtil.

São muitos os problemas existentes no Pólo pesquisado, e os mesmos foram agravados com a falta de uma política industrial explícita, por parte do Estado brasileiro, e pela situação de desvantagem com que o país ingressa e se atrela à globalização da economia. Assim sendo, os empresários locais não estão conseguindo se reestruturar e se modernizar com a rapidez exigida nesta fase de abertura comercial da economia brasileira e de concorrência global.

Neste cenário de acirrada concorrência e competitividade, que tende a se perpetuar, somente as grandes empresas, mais ágeis e intensivas em capital e em conhecimento, conseguirão se modernizar no ritmo imposto pelo modo de produção capitalista global.

O futuro do Pólo Têxtil de Americana, que está sendo tecido no momento, dependerá de múltiplos fatores, da combinação de inúmeros agentes (internos e externos ao Pólo), da ação conjunta de muitos atores e das tendências e injunções políticas e econômicas a nível local, nacional e global.

Descortina-se, dessa forma, uma outra fase da industrialização do Pólo Têxtil de Americana, rompendo as amarras, consertando o tecido esgarçado, enfim, valorizando a indústria local, com novas estampas e com cores mais vivas.

Com o trabalho realizado, espera-se, contribuir significativamente para se achar o fio da meada.

REFERÊNCIAS

AUGÉ, M. **Não-Lugares**: Introdução a uma Antropologia da Supermodernidade. Campinas: Papyrus, 1994.

AZZONI, C. R. **Indústria e reversão da polarização no Brasil**: O caso do Estado de São Paulo. 1985. Tese (Livre-Docência) – Faculdade de Economia e Administração, Universidade de São Paulo, São Paulo

FIRKOWSKI, O. L. C. de F. **A industrialização recente do Município de Limeira em face do contexto industrial paulista**. 1989. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.

LENCIONI, S. **Reestruturação urbano-industrial**: Centralização do capital e desconcentração da metrópole de São Paulo. A indústria têxtil. 1991 Tese (Doutorado) Universidade de São Paulo, São Paulo.

MENDES, A. A. **Implantação industrial em Sumaré**: origens, agentes e efeitos. Contribuição ao estudo da interiorização da indústria no Estado de São Paulo. 1991. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro.

RODRIGUES, J. A. Façonismo: Um Sistema de Trabalho da Indústria Têxtil - O Exemplo de Americana. **Geografia das Indústrias**, São Paulo, n. 6, p. 1-68, 1978.

SAMPAIO, S. S. A industrialização de Rio Claro. Contribuição ao estudo da desconcentração espacial da indústria no Estado de São Paulo. **Geografia**, Rio Claro, v. 12, n. 24, p.1-60, 1987.

SINDICATO DAS INDÚSTRIAS DE TECELAGENS DE AMERICANA, NOVA ODESSA, SANTA BÁRBARA D'OESTE E SUMARÉ. **Projeto de reequipamento da indústria têxtil paulista**. Americana, 1991.

TROPPEMAIR, H. Contribuição ao estudo da indústria têxtil de Americana, Estado de São Paulo. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 43, p. 59-82, 1966.

Recebido em janeiro de 2001

Aceito em agosto 2002